

# “TU ÉS A TERRA...”

**Rita Aparecida Coelho Santos\***

Proceder à leitura de um texto literário isolado implica calculado risco, visto que é sempre desafiador e, não raras vezes, dubitável destacar um poema do conjunto ao qual ele pertence. Tal desafio é especialmente verdadeiro quando se trata de um autor que dialoga com várias formas de expressão, transita livremente por todas as áreas do conhecimento humano e ainda exerce a criatividade em toda sua plenitude como tradutor de poesia. Assim, não correndo o risco de me transviar nos caminhos da interpretação, invoco Eros para focalizar uma das faces da poesia de Jorge de Sena no poema *Tu és a terra...*, o antepenúltimo do livro *Conheço o sal e outros poemas*, de 1974.

Eros é um esteio essencial da cosmovisão seniana, cuja importância está abundantemente documentada na obra como elemento imprescindível da plenitude humana. Cabe ao “mais belo dos deuses” a instauração de novos cosmos, que não mais polariza ou dicotomiza sentimentos, pensares ou situações, ou se circunscreve apenas ao domínio dos relacionamentos interpessoais; ele se vincula à força criativa da palavra com a constante formação da natureza, através da qual consagra a potência erótica da vida em si e a vitalidade do cosmos.

O primeiro verso anuncia e sintetiza as temáticas que estão por vir: Eros, a mulher e a natureza. “Tu és a terra em que pouso./ Macia, suave, terna, e dura o quanto baste/ a que teus braços como tuas pernas/ tenham de amor a força que me abraça.”

O que chama a atenção neste poema é que na vigência do erotismo e, por extensão, da experiência amorosa, os corpos humanos encontram-se assimilados metaforicamente à dimensão da natureza em que sobressai o íntimo relacionamento mulher/terra por meio de um sistema semântico

ligado ao feminino: macia, suave, terna, braços, pernas, água, sombra. Metáfora da mulher amada, a terra se torna espaço no qual Eros exerce o seu poder; nela a potência do amor ganha dimensões poéticas nas imagens ligadas à força do abraço amoroso, bem como no murmúrio da água cristalina a segredar “o amor no mundo”.

Manifestação profunda da circularidade da vida, entendida como processo dinâmico de caos e cosmos, renovação e término da fronteira entre natureza e ser humano, Eros rege todo o universo poético assimilando, na experiência amorosa, a dimensão da natureza. Contudo, ainda que *Gaia* seja utilizada como metáfora da figura feminina, o sujeito lírico ultrapassa o universo mítico operando uma desconstrução do mito ao atribuir qualidades da mulher amada à terra. Não se trata, portanto de “raptada ninfa de bosque e montanha”, mas “Terra humana em que me pouso inteiro e para sempre”.

A erotização das formas naturais atua como correspondente corporal da mulher amada. Ao amor, que se consubstancializa na suavidade da terra, na pedra que lacera e fere, na sombra de árvores, na água cristalina, corresponde a natureza, que se apresenta como personagem erótica por excelência. Nesse sentido, Jorge de Sena deixa cair por terra o mito de natureza bela e perfeita, fértil ou árida, para apresentá-la como energia vital, espaço de criação permanente.

“Tu és a terra...” encena um universo poético em que Eros se apresenta como potência criadora para além dos laços humanos. Força primitiva e fecundante, nutre a vida nas entranhas e a recebe em seu fim, afirmando o caráter cíclico e ininterrupto desse processo. Tal força mistura-se à vida humana ao ser relacionada ao corpo da mulher porque ambas são matrizes vitais.

---

\* Professora adjunta de Literatura Comparada na Universidade do Estado da Bahia, Diretora da Cátedra Fidelino de Figueiredo/UNEB-Instituto Camões.